

# JOE BIDEN

---

## *PROMESSA DE PAI*

UM ANO DE SOFRIMENTO,  
ESPERANÇA E DETERMINAÇÃO

Tradução de Alexandre Raposo,  
Bruno Casotti e Jaime Biaggio



# Sumário

[Avançar para o início do texto]

**CAPA**

**FOLHA DE ROSTO**

**CRÉDITOS**

**MÍDIAS SOCIAIS**

**DEDICATÓRIA**

**EPÍGRAFE**

**CAPÍTULO UM:** *O Dia de Ação de Graças da família Biden*

**CAPÍTULO DOIS:** *Tenha um propósito*

**CAPÍTULO TRÊS:** *Consolo*

**CAPÍTULO QUATRO:** *Confiança*

**CAPÍTULO CINCO:** *Mantendo-me ocupado*

**CAPÍTULO SEIS:** *Tem que ser você*

**CAPÍTULO SETE:** *Riscos calculados*

**CAPÍTULO OITO:** *Base*

**CAPÍTULO NOVE:** *Vocês têm que contar a verdade a eles*

**CAPÍTULO DEZ:** *Você pode ficar?*

**CAPÍTULO ONZE:** *Concorra, Joe, concorra*

**EPÍLOGO**

**POSFÁCIO:** *O presente de Beau*

**TRIBUTO A BEAU**

**AGRADECIMENTOS**

**SOBRE O AUTOR**

**LEIA TAMBÉM**

*Para Natalie e Hunter*

*Regras para a felicidade: algo para fazer, alguém para amar, algo para dar esperança.*

— Immanuel Kant

## CAPÍTULO UM

# O Dia de Ação de Graças da família Biden

Os dias estavam ficando mais curtos, então a luz do sol já havia começado a sumir quando o portão de nossa casa temporária se abriu e nosso comboio avançou para além da cerca que contornava o Observatório Naval dos Estados Unidos, em Washington, D.C. Estávamos indo de nossa residência oficial no observatório para a Base da Força Aérea de Andrews, onde meus filhos e netos já se encontravam reunidos. Jill e eu estávamos ansiosos para vê-los em nossa viagem anual do Dia de Ação de Graças. A família se tornara um escape essencial em meus cinco anos e meio como vice-presidente; passar tempo com eles era como estar no olho de um furacão — um lembrete da tranquilidade e do ritmo naturais de nossa vida anterior, e da calma por vir quando terminasse meu período no poder. O trabalho vinha sendo uma aventura incrível, mas Jill e eu estávamos com saudade da época anterior à vice-presidência. Sentíamos falta de nossa casa em Wilmington. Sentíamos falta de fazer longos passeios de carro em que pudéssemos conversar à vontade. Sentíamos falta de ter controle sobre nossa agenda e nossos movimentos. Em última instância, feriados, férias e comemorações com a família haviam se tornado os respiros que restauravam alguma sensação de equilíbrio. E o restante da família parecia precisar desses intervalos tanto quanto nós dois.



Estivemos todos juntos alguns meses antes, em nossa viagem anual de verão para um dos parques nacionais. Mas cinco dias de caminhadas, rafting em corredeiras e longos jantares barulhentos na cordilheira Teton não haviam sido suficientes para os adultos, pelo visto. No último dia, Jill e eu estávamos em nosso chalé fazendo as malas para partir quando bateram à porta. Era nosso filho Hunter. Ele sabia que Jill e eu iríamos sozinhos para um retiro de quatro dias na praia, mas pensou que, como ele e a esposa tinham algum tempo livre, talvez pudessem ir junto. “É claro!”, respondemos. Cinco minutos depois, nosso outro filho, Beau, também bateu à porta. Seus sogros haviam concordado em cuidar das crianças. Talvez não nos importássemos se ele e a esposa se juntassem a nós na praia em Long Island. “É claro!”, respondemos.

Imagino que alguns pais podem se sentir passados para trás quando solicitados a desistir de aproveitarem um tempo sozinhos. No entanto, considere aqueles pedidos o fruto de uma vida bem vivida: nossos filhos crescidos *queriam* nossa companhia. Então tivemos mais quatro dias maravilhosos juntos na praia em agosto. Em novembro, contudo, havia também uma urgência perceptível — e um pouco inquietante — na necessidade de ficarmos juntos. Eu estava ciente disso quando parti ao lado de Jill para nossa escapada anual em Nantucket, para mais um Dia de Ação de Graças da família Biden.

Passamos pelos portões do observatório e senti que nossa limusine blindada — uma exigência do governo — fazia seu costumeiro giro suave na Massachusetts Avenue, onde o trânsito fora interrompido para abrir caminho para nossa viagem. Olhei de soslaio para o relógio digital bojudo postado no alto da pista como fizera talvez mil vezes desde que havíamos nos mudado para a residência oficial. Os números vermelhos brilhavam, marcando com perfeição metronômica: *5:11:42*, *5:11:43*,

*5:11:44, 5:11:45.* Aquele era o Tempo Preciso da nação, gerado a menos de cem metros de distância pelo Relógio Mestre do Observatório Naval dos Estados Unidos. O Tempo Preciso — sincronizado em milissegundos — era considerado um imperativo operacional pelo Departamento de Defesa, que tinha tropas e bases em locais espalhadas no mundo inteiro. *5:11:50, 5:11:51, 5:11:52.*

Nossa limusine já estava acelerando ao sair da curva, com uma força abrupta que me jogou contra o encosto do assento de couro macio. O relógio logo ficou para trás, fora de vista, mas ainda marcando o tempo enquanto desaparecia — *5:11:58, 5:11:59, 5:12:00.* O comboio seguiu na direção sudeste, descendo por um lado do círculo em torno do observatório, e pudemos ver as luzes da residência oficial brilhando por entre as árvores desfolhadas. Estava feliz por dizer adeus à casa por alguns dias. Com nossa partida, muitos dos assistentes navais que tomavam conta de nós estavam livres para passar o feriado inteiro com suas famílias.

A procissão ganhou velocidade quando alcançamos a rodovia e nossa escolta de motocicletas afastou para o lado os outros viajantes. O comboio seguiu pela margem sul de Washington, permitindo a visão de monumentos e prédios públicos: o Cemitério Nacional de Arlington, o Lincoln Memorial, o Monumento de Washington — com a Casa Branca a distância —, o Jefferson Memorial, o Capitólio. Tenho servido em cargos eletivos nessa cidade desde 1973, 36 anos como senador e seis como vice-presidente, mas não me tornara indiferente à beleza e à importância desses marcos altivos, que agora tinham um suave resplendor de luz. Eu ainda enxergava aquelas vigorosas estruturas de mármore como representantes de nossos ideais, nossas esperanças e nossos sonhos.



Minha vida profissional em Washington me proporcionara uma sensação de orgulho e realização desde o primeiro dia, sentimento que não arrefeceu após quase 42 anos. A verdade é que, em 25 de novembro de 2014, eu estava tão animado e revigorado com meu trabalho quanto em qualquer momento de minha carreira, embora meu cargo atual fosse verdadeiramente curioso, devo admitir. Há uma flexibilidade estranha e singular nas responsabilidades de um vice-presidente. Em termos estritamente constitucionais, o ocupante do cargo tem muito pouco poder. O vice é encarregado de dar o voto de minerva no Senado — algo que não fora convocado a fazer em quase seis anos — e de esperar para assumir se o presidente estiver de algum modo incapacitado. Um ocupante anterior ficou conhecido por ter dito que o cargo “não vale um balde de cuspe quente”. (Esta é a versão educada. Ele não disse “cuspe”.) O poder verdadeiro desse cargo é refletivo; depende quase todo da confiança do presidente.

Barack Obama me imbuíra de grandes assuntos para dirigir desde o começo de nosso primeiro mandato, e, quando me designou para supervisionar a Lei de Recuperação de 2009, as negociações de orçamento com o senador Mitch McConnell ou as relações diplomáticas com o Iraque, não ficou tentando me vigiar. Acredito que fiz meu trabalho bem o bastante para ganhar e manter sua confiança. Ele buscou meu aconselhamento com frequência no fim de 2014 e pareceu valorizá-lo, assim houve dias em que senti que estava em meu poder ajudar a inclinar o curso da história um pouquinho para melhor.

E, em algum ponto no comboio naquele entardecer, enquanto seguíamos com velocidade pelas ruas de Washington, um carro transportava o assessor militar vice-presidencial, que estava em posse da “bola nuclear”, algo que deveria estar sempre ao meu alcance. Eu era

uma das poucas pessoas que tinham o controle dos códigos capazes de lançar um ataque nuclear sobre quase qualquer alvo no planeta. Portanto, um lembrete das sérias responsabilidades do cargo e da confiança depositada em mim estava ali, o tempo todo, 24 horas por dia, sete dias por semana.

Entretanto, apesar de tudo isso, apesar de minha posição, eu não tinha condições de fazer o que mais queria a caminho daquela semana de feriado: retardar o Relógio Mestre no alto da pista, fazer aqueles números vermelhos hesitarem, dar a mim mesmo, à minha família e, mais importante, ao meu filho mais velho uma pausa um pouco maior para respirar. Eu queria o poder de enganar o tempo.

\* \* \*

A tradição de nossa família para o Dia de Ação de Graças em Nantucket começou em 1975 como um ato de diplomacia. Eu era um senador em primeiro mandato e pai solteiro de dois meninos — Beau tinha seis anos, e Hunter, apenas cinco —, e Jill Jacobs e eu havíamos começado a conversar seriamente sobre um futuro a dois. O Dia de Ação de Graças era o primeiro feriado em que Jill e eu passaríamos juntos. O problema era que tínhamos recebido convites demais. Meus pais nos chamaram para passar o dia com eles em Wilmington. Os pais de Jill queriam que fôssemos a Willow Grove, Pensilvânia. Os pais de minha primeira esposa, que morrera alguns anos antes com nossa filha bebê em um acidente de carro, queriam que levássemos seus netos para o norte do estado de Nova York e passássemos um fim de semana com eles. Qualquer que fosse a família que escolhêssemos, acabaríamos magoando alguém, o que era a última coisa que queríamos fazer. Eu estava no

Senado certo dia daquele outono, explicando essa situação difícil ao meu chefe de gabinete, e ele disse: “Você precisa é de um Dia de Ação de Graças nuclear.” Ele estava querendo dizer apenas com a família nuclear. Só que Wes Barthelmes era de Boston, então o que ele disse, na verdade, foi “Dia de Ação de Graças nucle-aah”. Eu não tinha entendido muito bem o que ele tentou falar exatamente, até que Wes explicou que poderia ser mais fácil para todos se nós quatro — eu, Jill, Beau e Hunt — viajássemos sozinhos. Ele sugeriu a ilha de Nantucket, que ficava a uma hora de barca ao sul de Cape Cod. Não conhecíamos a área, mas decidimos ir em frente e fazer disso uma aventura.

Abastecemos meu Jeep Wagoneer com gasolina a 57 centavos o galão e amontoamos os meninos e o cachorro no banco de trás para o que seria provavelmente uma viagem de seis horas até a barca em Hyannis, Massachusetts. Bem, seis horas é tempo demais para dois meninos pequenos ficarem presos no banco de trás de um carro em movimento, mas Jill já estava provando ser uma cuidadora talentosa. Ela apanhara todos os catálogos de brinquedos e de roupas que conseguira encontrar e os jogou no banco de trás quando Beau e Hunt começaram a ficar inquietos. Eles passaram horas folheando as páginas e começaram a fazer e aprimorar suas listas de presentes de Natal, para que tivessem algo para mandar para o Papai Noel, lá no Polo Norte. Jill pediu às crianças que pensassem com calma e tivessem certeza do que incluiriam na lista; não havia pressa.

Quando enfim chegamos, oito horas depois de sairmos de casa, Nantucket se revelou um local que valia a pena. Fazia bastante frio na ilhazinha no fim de novembro, mas podíamos sentir o cheiro forte do ar salgado do Atlântico. A ilha esvaziara na baixa temporada, então tivemos boa parte do lugar só para nós. A maioria dos restaurantes e das muitas



lojas estava fechada. O centro era pequeno, talvez uns cinco quarteirões, mas passamos horas ali observando as vitrines e entrando nos estabelecimentos abertos para dar uma olhada. contei aos meninos que compraria um único presente para cada um deles naquela viagem — o que quisessem, dentro de limites razoáveis. Eles passaram algum tempo olhando. Beau gostou especialmente da Murray's Toggery Shop, a casa das famosas Nantucket Reds, calças de algodão feitas para desbotarem e ganharem um tom suave de rosa. Hunt se apaixonou pela Nobby Clothes Shop, cujo dono fez um alvoroço quando meu filho entrou na loja. Tivemos um jantar de Dia de Ação de Graças na Jared Coffin House, uma hospedaria de 130 anos construída quando Nantucket era um centro comercial da indústria baleeira, e depois nos sentamos junto à lareira para jogar damas. No dia seguinte, almoçamos em um restaurante chamado Brotherhood of Thieves, fomos ao pequeno cinema da cidade, jogamos futebol americano na praia e voltamos à cidade para assistir à cerimônia anual em que as luzes da árvore de Natal são acesas. Fizemos passeios de carro para explorar a ilha e, sempre que passávamos por uma torre de transmissão de rádio com uma grande luz vermelha no topo, eu avisava aos meninos para se abaixarem no banco de trás e se esconderem do Monstro de Olhos Vermelhos. Passamos momentos tão bons que chegamos a dar uma olhada em uma casinha em estilo *saltbox* sobre as dunas da praia de Sconset. O preço pedido era alto demais para o salário de um senador em 1975, mas tiramos uma foto de nós quatro na varanda da casa, sob uma placa de madeira entalhada em que se lia SELVAGENS PARA SEMPRE. No caminho de volta a Delaware, eu já estava pensando em uma nova viagem para lá no ano seguinte.

Jill e eu nos casamos um ano e meio depois, e nossa filha, Ashley, nasceu quatro anos após nossas bodas. E o tempo pareceu correr mais

rápido. Beau e Hunt se formaram no ensino médio e, depois, na faculdade de direito. Hunt se casou com Kathleen em 1993, e o casal teve três filhas. Beau se casou com Hallie em 2002, e eles tiveram uma filha e um filho. Jill e eu já não éramos apenas mãe e pai; éramos “Nana” e “Pop”. Ashley terminou a pós-graduação e se casou com Howard. E todo ano, mesmo depois que a família cresceu, passávamos o Dia de Ação de Graças em Nantucket — ou “Nana-tucket”, como nossos netos passaram a chamar, mesmo quando já eram mais velhos e sabiam o nome certo. A pequena viagem no Wagoneer se tornou uma caravana de dois ou três carros, com netos trocando de lugar na frota quando parávamos para descansar. Depois havia a correria maluca para pegar a barca, com direito a chocolate quente ou sopa de mariscos na travessia sobre a água. Tivemos alguns anos ótimos nesse período e alguns anos ruins, mas, o que quer que estivesse acontecendo, quaisquer que fossem os baques e as contusões que estivéssemos sofrendo, púnhamos tudo de lado e comemorávamos o Dia de Ação de Graças em Nantucket. A viagem no feriado sempre foi uma constante na vida de nossos netos, e os meninos deixavam claro como isso era significativo para eles. Bilhetinhos começavam a aparecer em nossa casa já em setembro, antes mesmo de as folhas começarem a mudar de cor, todos escritos pelas mãos das crianças: *Dois meses para Nana-tucket. Cinco semanas para Nana-tucket.* Alguns tinham desenhos das casas onde havíamos nos hospedado ou da praia. *Duas semanas para Nana-tucket. Só cinco dias para Nana-tucket.*

As brincadeiras e os hábitos de nossas primeiras visitas à ilha se tornaram tradições imutáveis da família: fazer compras no centro, almoçar no Brotherhood, os passeios na praia com a bola de futebol americano na mão. Voltávamos àquela pequena casa em estilo *saltbox* todos os anos para fazer a foto da família sob a placa de SELVAGENS PARA



*image  
not  
available*

reunida em um lugar que nos trouxera só alegria por quase quatro décadas. Mas, antes de dormir, Jill e eu conversamos sobre certos ajustes que deveríamos fazer de acordo com as circunstâncias daquela viagem — talvez reduzir o ritmo de atividades por conta de Beau, embora soubéssemos que ele insistiria em não mudar nada. “Está tudo bem”, diria. “Está tudo bem.”

\* \* \*

Ninguém falou isso em voz alta e nem precisava fazê-lo, mas aquele Dia de Ação de Graças parecia diferente, como se houvesse uma pressão a mais para *sermos autênticos*. Observávamos nossos antigos rituais com mais rigor. Dormimos até mais tarde na manhã de quarta-feira e ficamos na cama por preguiça, como sempre, até Nana incitar o grupo a sair. Fomos de carro ao centro da cidade, passeamos pelas mesmas ruas e entramos nas mesmas lojas que visitávamos havia quase quarenta anos. Cada membro da família já estava em busca do prêmio perfeito. Como fazia *todo ano*, comprei um presente para cada um. Fomos primeiro à Nobby Clothes Shop, como sempre, e o dono ouviu nossa chegada. “Onde está Hunt?”, perguntou Sammy, exatamente como fazia quando meu filho mais novo ainda era um menino tímido de oito anos, e não um homem crescido com uma filha na faculdade. Depois foi a vez de dar uma olhada na loja de Spyder Wright, um lendário surfista e designer de pranchas que conhecia meus filhos desde sempre; e a Sunken Ship, uma loja de souvenir que as crianças adoravam; e a Murray’s Toggery Shop.

Andamos em bandos, com pequenos grupos se dividindo para ir a lojas específicas. Os netos mais velhos levavam os mais novos a reboque. Eu queria parar no Hub para tomar café e talvez ler o jornal. Ashley e Jill

*image  
not  
available*

*image  
not  
available*

saiu do carro e abriu a porta de trás para falar com o filho. “Olhe, Hunter”, declarou Beau, com firmeza, “aquele é Ethan, e ele é nosso amigo. Você nunca deve se referir a alguém como ‘motorista’. Não se dirija à pessoa pelo trabalho que ela faz. Não é educado. Está bem? Entendeu? Amo você, companheiro.”

\* \* \*

Beau se manteve recluso em nosso primeiro dia em Nantucket. Seu destacamento do Serviço Secreto se tornara realmente eficiente para cercá-lo. Ele se cansava com facilidade e estava cada vez mais acanhado para interagir com as pessoas. Estava perdendo a sensibilidade na mão direita, que não tinha força suficiente para um aperto de mão firme, e vinha enfrentando um distúrbio chamado afasia. A radiação e a quimioterapia causaram algum dano na parte de seu cérebro que controlava a capacidade de nomear as coisas. Beau mantinha íntegra a capacidade cognitiva, mas tinha dificuldade para lembrar os nomes. Estava se esforçando muito para recuperar a força e reverter a afasia. Ia à Filadélfia quase todo dia para fazer uma hora de fisioterapia e terapia ocupacional e, depois, uma hora de fonoaudiologia, tudo isso além do tratamento de quimioterapia. Ashley o encontrava para lhe acompanhar nas sessões enquanto ele fazia exercícios de força e alongamento, ou enquanto percorria folhas com imagens para nomear os objetos. Ashley o levava para comer fora antes de ele seguir para o expediente como procurador-geral. Ele queria provar a todos que podia lidar com aquilo e que estava progredindo. E eu acreditava nele.

O cérebro humano é muito ágil, e Beau estava literalmente treinando outras áreas próximas aos seus centros de fala para que assumissem a



*image  
not  
available*

do Peru anual — uma corrida de mais de quinze quilômetros (para quem tivesse disposição) até o outro lado da ilha. Fiz a rota de bicicleta com alguns netos. Passamos parte do dia jogando futebol americano na praia. Mostrei ao jovem Hunter os barrancos onde seu pai e seu tio costumavam pular e trocar passes com a bola de futebol americano quando tinham a idade dele. Beau, Hallie e seus filhos cuidaram de tirar algumas boas fotos dos quatro juntos na praia. E fomos à casinha em estilo *saltbox* para nossa foto anual, mas o terreno estava cercado por uma fita amarela da polícia. A casa tinha sumido, vítima de marés altas que vinham levando um metro ou mais do Barranco de Sconset a cada ano nas últimas duas décadas. Anos com tempestades fortes podem levar até dez vezes mais do que isso em certos lugares. SELVAGENS PARA SEMPRE ficara sem chão, e seu tempo se esgotara; fora varrida para dentro do Atlântico. A única coisa que restara era um pedaço da fundação.

\* \* \*

Voltamos ao centro da cidade no dia seguinte ao de Ação de Graças, fazendo todo o possível para que estivéssemos no lugar certo ao entardecer para assistir à cerimônia anual em que a árvore de Natal de Nantucket é acesa. Beau havia pedido Hallie em casamento na cerimônia de 2001, e os dois se casaram na igreja de St. Mary, no coração da ilha, no ano seguinte. Hallie sempre suspeitou que essa foi a maneira de Beau de prendê-los para sempre ao Dia de Ação de Graças da família Biden. E funcionou. Eles estavam comemorando o 12º aniversário naquele fim de semana, e Hallie nunca faltara a um Dia de Ação de Graças. Mesmo no ano em que Beau estava no Iraque, ela insistiu para que todos nós mantivéssemos a tradição e fôssemos para Nantucket.